

SUPERVISÃO COMO ENCONTRO

José Carlos Garcia *

* Psicanalista,
Professor do
Departamento
Formação em
Psicanálise.

O analista, seu ofício em transmissão, seu comunicado ao outro, num campo de experiência que enseja o inter-jogo de subjetividades, onde a verdade, se fará encontro. Pois que o dito, sobre o que foi dito, faz-se engodo, escapa. E afinal, o que ouvimos é o interdito, não dito, desdito, ofício maldito!

Ao procurar pelo supervisor, o supervisionando o encarrega de acolher um contq sobre um outro - paciente - cuja subjetividade intermediada busca decifrar-se, acatar-se. Não é, de certo, com esse outro, paciente, que o supervisor faz contato, mas com o que dele conta seu analista. Conta-se por ele, mas ao contar, contamos-nos, implicamo-nos também.

O supervisionando quer saber do outro, quase aliviar-se dele, amenizando a implicação dolorida de si mesmo. É pelo seu ofício que ele se interroga em seu anseio de dar sentido à sua escuta do paciente. Uma das condições de demanda de supervisão, talvez a mais legítima, surge quando a fala do paciente nos imobiliza e nos abandona ao sentimento de inépcia e inadequação. Precisamos então do concurso de um outro, analista, que nos ofereça apoio cúmplice ao que sentimos fracasso. Dolto nos diz: *"Se um analista está inquieto, atormentado ou angustiado por um paciente, então aí é preciso que ele fale disso num outro lugar. É uma complementação de análise que se faz por uma transferência - e que não é, de modo algum, a mesma coisa que com seu analista. Porque com o supervisor não se fala, não se conta a própria vida como com o analista. Ao contrário, retornamos ao nosso analista por aquilo que se passa entre o supervisor e o caso em que estamos sendo supervisionados"* (in - Patio nº 2 - Direção da Cura). Já quando buscamos análise, é ao nosso enigma que queremos responder e o que nos intermedia é nossa própria fala, na expectativa de que o saber do outro nos arrefeça o sofrer.

A procura pelo saber do outro também está presente na supervisão e cabe ao supervisor, escapar da armadilha narcísica do tudo saber, revelar-se faltante e por isso mesmo sensível à falta do outro.

Não há um saber do supervisor que disponha sobre o outro e se oferte sob pagamento. O que se pode fazer é da ordem da experiência, que se estrutura a partir do relato do caso mas, só pode encontrar tradução na atualidade do vínculo supervisor-supervisionando, dois analistas enredados por uma ausência-presença que os cativa.

O analista se constitui supervisor por seu gesto de disponibilidade para a escuta do outro e se sustenta aí, por mandato transferencial, que o investe, na condição de partícipe privilegiado. A supervisão é essencialmente um ato analítico e como tal marcado e constituído pela transferência.

O supervisionando atribui ao supervisor um potencial (transferido, suposto), para entendê-lo e guiá-lo na decifração do enigma de seu paciente. Há portanto um nível importante de idealização, um anseio de apossar-se, desse pretenso recurso instrumentalizador do saber sobre o outro. Uma das tarefas do supervisor será a de deslindar a trama idealizadora do vínculo, que se não for elaborada, poderá aprisionar o supervisionando num encanto especular alienante, incapacitando-o de ousar-se em liberdade de estilo.

Estilo que a meu ver é o elemento principal a afiançar o encontro promovedor de crescimento. O estilo revela o analista ao outro, garante autenticidade a sua fala, do contrário, corre-se o risco de que uma comunicação estereotipada pelo mimetismo teórico, obstaculize o encontro criativo.

O analista encontrar-se-á com seu estilo em sua própria análise como fruto de descobertas pessoais mas, o encontro criativo como o chamei se propagará por todo o campo da experiência: a supervisão, um texto escrito, um sonho, uma conversa, onde quer que dois estejam faltantes.

Acredito que ao supervisor não caiba interpretar o supervisionando, nem o paciente trazido por ele, apenas oferecer-se ora como testemunha, ora como espelho, ora como tradutor de sentido das vivências por eles partilhadas.

Nosso ofício não nos transcende, faz-se em nós e por nós, não há técnica que possa ser aprendida ou ensinada que não inclua o que somos como pessoa, o que nós sabemos e o que não sabemos.

De certo não é a todos que podemos analisar, nem tão pouco a todos podemos supervisionar. Não há técnica que dê conta de fazer-se encontro. Enquanto seja possível ensinar psicanálise, estaremos falando de um percurso pessoal e de momentos formativos, emergen-

tes de contextos propiciadores como a análise pessoal, a supervisão e todos os momentos criativos onde somos alcançados e traduzidos na fala do outro.

Quando estamos diante da tarefa de ensinar psicanálise, o que de fato está sendo transmitido? Acaso ensinamos o encadeamento lógico do pensar psicanalítico, sua cronologia, alcances e limitações? Ensinamos como interpretar?

Todos nós, no ensejo de nos tornarmos psicanalistas, assistimos a muitas aulas. O que afinal nos foi ensinado? Foi pelo acúmulo mnêmico desses conteúdos que nos tornamos analistas?

Penso que aprendi, aprendo e ensino pelo encantamento da paixão, algo do nosso fazer seduz, convida, abre-se para ser sabido. Pois o que não se traduz nos assombra, nos imobiliza na angústia do não poder criar sentido. Somos compelidos a produzir ligações, a solidão mortal de nosso enigma precisa ser acolhida e exposta num gesto criativo. A nós analistas, resta suportar o impraticável desta empreitada e acatar em silêncio o que de nós não se revela e nem revela ao outro tão pouco.

Endereço para contato com o autor:

Rua João Moura, 647 - 12º Andar - Cj. 121

São Paulo - Pinheiros - 05412-001

Tel. 881-7906